

Traduzir é criar?

Sergio Romanelli

UFSC/DLLE-PGET



RESUMO – Pretende-se neste artigo analisar a tradução do ponto de vista genético, ou seja, considerar de que forma o processo tradutório acontece e se podemos considerá-lo também um processo de criação textual e artística. Esta proposta justifica-se pelo fato de existirem ainda estereótipos teóricos segundo os quais a tradução não seria uma verdadeira criação e, por isso, o texto de chegada não possuiria um estatuto autônomo em relação ao texto de partida assim como o seu autor. Pretende-se então mostrar de que forma os manuscritos de tradutores podem revelar as peculiaridades desse processo criativo para considerá-lo um processo efetivo de escrita.

Palavras-chave: Crítica Genética; Tradução; Manuscritos

RIASSUNTO – In questo articolo intendiamo analizzare la traduzione da un punto di vista genetico, ossia, vogliamo considerare in che modo avviene il processo traduttorio e se possiamo considerarlo anche un processo di creazione testuale e artistica. La nostra proposta nasce dall'esigenza di superare stereotipi teorici secondo i quali la traduzione non sarebbe una vera creazione e che il testo di arrivo e il traduttore non avrebbero uno status autonomo in relazione al testo di partenza. Intendiamo quindi mostrare in che modo i manoscritti di traduttori possono rivelare le peculiarità di questo processo creativo al fine di caratterizzarlo come un processo reale di scrittura.

Parole-chiave: Critica Genetica; Traduzione; Manoscritti

Retomando o título das *II Jornadas internacionais de Crítica Genética* ocorridas na PUCRS, “O que é criar?” quer-se iniciar este artigo com uns questionamentos: o que é criar do ponto de vista da tradução; traduzir é criar? Apesar das discussões teóricas e dos avanços na reflexão sobre tradução, existe ainda o discurso, não somente entre os leigos, mas até no âmbito acadêmico por parte de estudantes, docentes e profissionais da área, de que tradução não seria criação, o texto de chegada não possuiria um estatuto autônomo em relação ao texto de partida assim como o seu autor, e destaque autor e não simplesmente tradutor, em relação ao autor de partida. Como poderia, então, a Crítica Genética (CG) auxiliar o desvendamento deste processo criativo peculiar que é a tradução e mostrar, por dentro, como os mecanismos do ato tradutório são também mecanismos de escrita?

Para responder a esses questionamentos está se desenvolvendo há seis anos desde a pesquisa de doutorado na Federal da Bahia intitulada *A gênese de um processo tradutório*: os manuscritos de Rina Sara Virgillito, e agora

coordenando o projeto de pesquisa *Crítica Genética e tradução*: um exemplo de interdisciplinaridade e a linha de pesquisa *Crítica Genética, língua e Estudos da tradução* na UFSC, uma parceria teórica e metodológica entre CG e Estudos Descritivos da Tradução (EDT), para estudar o processo criativo do tradutor, a partir de seus manuscritos. Tentando reconstituir, dessa forma, empiricamente, com base nos dados colhidos e no *corpus* delimitado, o processo criativo do tradutor, tendo em vista detectar as leis e as normas seguidas, bem como as razões, as influências de vários tipos que o levariam a determinadas escolhas dentro de seu procedimento tradutório.

O ato de traduzir constitui um processo criativo e esse processo criativo, como já Levý afirmou em 1965, é parte de um processo comunicativo em que o tradutor opta, decide, escolhe entre uma série de possibilidades alternativas. A questão é saber não somente como, mas por que o tradutor faz determinadas opções descartando umas e aceitando outras; e quais os elementos que interferem neste processo de *problem-solving*? Como

se pode acompanhar este processo sem registros, sem marcas, sem índices, se todo esse complexo percurso é apagado ao ser editada a tradução? A tradução editada é somente uma etapa desse percurso criativo comparável a um xadrez:

[...] each selection from the paradigmatic set of alternatives will become part of the conditioning factors for the next choice to be made, so that process has a syntagmatic aspect as well. In this sense, Levý argues, translating can be compared with a game with complete information, like chess, where every next move takes account of all previous moves (HERMANS, 1999, p. 23).

Ao se propor analisar esse processo tradutório, a metodologia da CG busca reconstruir, por aproximações, esse processo que até agora só poderia ser adivinhado a partir do texto editado: When we study existing translations, however, we can only see the outcome of the translator's choices. The motives, the pattern of instructions which informed the choices, can only be inferred. (HERMANS, 1999, p. 23).

Os EDT, ao considerar a tradução como um texto autônomo incluído em um contexto cultural e social específicos, propuseram-se também a reconstituir as normas e as estratégias que nortearam a constituição desse novo texto, mas a tarefa mais desafiadora sempre foi a de conseguir reconstituir o processo mental, invisível, que acontece na mente do tradutor. A grande questão é, porém, como ter acesso à caixa preta que é a mente do tradutor?:

[...] psychological attempts to probe the human mind during the process of translation were unable to do more than produce speculative diagrams because they could not engage in direct observation, the translator's mind being an inaccessible black box (HERMANS, 1999, p. 31).

A CG pode auxiliar os EDT, a nosso ver, nessa busca, mas para conseguir reconstituir esse processo criativo peculiar do tradutor, os *dossiês* a serem estudados devem ser constituídos não só pelos manuscritos do tradutor, mas também pelos livros que leu e anotou nas margens, registrando as datas das sucessivas leituras; ou pelo catálogo da sua biblioteca pessoal e qualquer outro tipo de vestígio que tenha deixado.

De fato, antes de ter uma ideia do autor a ser traduzido, o tradutor, ao lidar com uma obra, já demonstra conhecimentos sobre tradução. Tais conhecimentos, tradicionalmente, eram observados a partir da obra editada, o que, na contemporaneidade, tem mudado para um enfoque que elege o processo como alvo das pesquisas, e não o produto *final*. Por meio da CG, podem-se comparar as variantes contidas nos manuscritos não somente acompanhando e entendendo o processo de

tradução, mas, sobretudo, analisando a invenção artística do tradutor.

Utilizando a metodologia dos EDT, por outro lado, pode se retornar das traduções às estratégias e às normas não somente linguísticas que condicionaram os vários tradutores. É possível então analisar textos literários traduzidos visando ilustrar as estratégias adotadas pelos tradutores e, se possível, remontar às razões que originaram os diferentes comportamentos. Utiliza-se, por isso, especificamente, o esquema hipotético idealizado por Gideon Toury (1995) e aperfeiçoado por José Lambert e Van Gorp (1985).

Pelo suposto até o presente, pode-se observar que a CG e os EDT possuem o mesmo paradigma, ou seja, uma metodologia similar e, sobretudo, princípios teóricos que funcionam em perfeita sintonia. Ambas se servem de uma metodologia de investigação de caráter indutivo. A primeira, ao estudar o manuscrito, visa chegar a

[...] possíveis conclusões relativas a uma teoria da criação. Conclusões essas não mais baseadas em hipóteses desenvolvidas de forma dedutiva, a partir da obra acabada ou a partir de depoimentos de artistas. A crítica genética faz uso de inferências partindo de fatos concretos que funcionam como índices de suporte para uma teoria. Registra os dados de fato, da experiência viva, para corroborar dados teóricos, ou seja, é um processo de investigação experimental de suposições teóricas (SALLES, 1992, p. 33-34).

Da mesma forma, os EDT não partem de pressupostos *a priori*, mas de dados empíricos das traduções para remontar, através da análise dos textos editados, às leis e restrições sofridas pelo tradutor, ao longo de seu processo tradutório. Devido, então, à natureza dessas duas metodologias, pareceu lógico aproximá-las, pela primeira vez, aplicando-as ao estudo de manuscritos tradutórios. Segundo Serge Bourjea, a CG

[...] possibilita, de fato, duas coisas importantes no campo da Tradução: 1) ela pode constituir uma nova tarefa, (impossível), **quanto à tradução dos manuscritos literários** [...]; 2) a Genética deve permitir, através de um melhor conhecimento do processo da inventividade literária, **um trabalho de leitura/ re-escritura mais fino ou mais adequado** para o tradutor da poesia (O negrito é do autor) (1998, p. 48).

Parece relevante destacar a novidade da proposta que pretende aplicar, pela primeira vez, a CG ao estudo de manuscritos de traduções. Após uma investigação bibliográfica, sabe-se que somente uma pesquisadora, Cristiane Grando, tenha trabalhado, em São Paulo, com CG e Tradução, não para reconstituir o processo criativo do tradutor, mas sim, mostrando como a tradução dos

manuscritos poderia ajudar na interpretação do texto.¹ E outra pesquisadora, Marie-Hélène Paret Passos, da UFRGS, vem trabalhando com CG e tradução literária, sempre na perspectiva da análise do dossiê dos textos a serem traduzidos.

O manuscrito do tradutor: uma obra aberta

O método sistemático de trabalho e de criação dos tradutores exemplifica e confirma a tese, segundo a qual, para um escritor/tradutor, a sua obra nunca está fechada e acabada, mas continua sendo, ainda depois de publicada, insatisfatória e provisória.

Pode-se, então, não somente desvelar, até certo ponto, o processo de criação do artista, mas também, como no nosso caso, o processo de tradução de uma obra. Quanto ao trabalho do tradutor, este é um trabalho consciente, pois por meio das escolhas que fez na tradução, busca-se acompanhar aquilo que a CG, busca, que é mostrar um pensamento em evolução, presente também no caso de um processo tradutório.

Quais são, de fato, as etapas que levam um tradutor a escolher ou considerar como aceitável determinada versão de um texto? Quais as justificativas dessas escolhas e qual o material de referência que o tradutor usa? Estas são perguntas às quais a CG pode responder com sua metodologia. Neste caso, também, o objeto de estudo da CG é o caminho percorrido pelo tradutor para chegar à obra entregue ao público. Estuda-se o processo criativo a partir das marcas deixadas pelo tradutor.

Se o manuscrito constitui o objeto físico principal do estudo da CG, as leis, as recorrências e as normas desse processo, assim como acontece nos EDT, constituem a preocupação da abordagem genética. Cada autor, de fato, segue um próprio mecanismo de produção em que intervêm vários fatores endógenos e exógenos (ou polissistemas) de natureza diversa e que influenciam de forma significativa o seu desenvolvimento:

O geneticista [...] pretende tornar a gênese legível, [...] o texto (re)estabelecido em sua gênese, revela fases da escritura, mostra o autor em seu fazer literário, na medida em que reconstitui os paradigmas visitados durante a aventura da criação poética (SALLES, 1992, p. 19).

A organização desse material tão heterogêneo é a primeira tarefa do geneticista. De modo que, uma vez estabelecido o dossiê genético ou prototexto² de um determinado autor, o pesquisador, com o fim de torná-lo legível, deve organizá-lo, empenhando-se na descrição e transcrição dos documentos.

Dossiês de Tradutores Literários

Tal proposta de trabalho justifica-se pela escassa quantidade de estudos que dizem respeito ao processo tradutório de um ponto de vista genético, devido não só ao recente surgimento dessa disciplina, mas também a uma resistência de tipo ideológico. De fato, quer os estudos filológicos no âmbito da crítica textual, quer os linguísticos no âmbito da tradução, considerem como ponto de partida de qualquer pesquisa o presumido “original”. Isto é, existiria sempre um texto de referência absolutamente definido na sua estrutura, que o autor considerou final e que se constitui como único e verdadeiro elemento de pesquisa.

Mas o objetivo não consiste, simplesmente, em mostrar um processo de criação com as leis que lhe são inerentes ou com suas dúvidas, influências, constrictões internas e externas, mas sim, colocar em relevo a qualidade e a validade do trabalho criativo do tradutor. Dar-lhe visibilidade, mostrar como seu labor se desenvolve ao longo de anos, encontrando-se, por vezes, no meio de um complexo processo de interações com outros sistemas de vários tipos e que também contribuem à realização do produto assim chamado *final*. E como esse produto, uma vez tenha entrado em um sistema, é capaz de influenciá-lo, por sua vez, ou enriquecê-lo e mudá-lo. Quer-se, de fato, defender aqui a tradução e o tradutor, ainda hoje vítimas de preconceitos que lhes destinam um espaço pequeno, isolado e limitado dentro do polissistema cultural mundial em que se inserem e que hoje, por sua vez, é visto dentro de um espaço global. Nesse espaço o tradutor é, geralmente, criticado pela má qualidade de seu trabalho, não somente por parte dos leitores, mas, sobretudo, e infelizmente, por críticos literários ou de tradução que, por sua vez, pouco sabem desse árduo trabalho e da forma complexa como acontece. A maioria deles ignora simplesmente essa complexidade que a análise dos manuscritos, dentro da abordagem da CG, quer ilustrar, pela primeira vez. Essa complexidade, inerente ao trabalho tradutológico, está presente, não somente na própria recriação do texto

¹ Para um maior aprofundamento, consultar os seguintes artigos publicados: GRANDO, C. Leitura Genética do Poema “Se Tivesse Madeira e Ilusões” de Hilda Hist. *Manuscrita. Revista de Crítica Genética*. São Paulo, APML, n. 7, 1998, p. 91-110. GRANDO, C. Estrutura formal dos Poemas de *Amavisse*: os Paralelismos Hilstianos. *Manuscrita. Revista de Crítica Genética*. São Paulo, APML, n. 8, 1999, p. 73-87. GRANDO, C. Genética e tradução: a poética de Hilda Hist. *Manuscrita. Revista de Crítica Genética*. São Paulo, APML, n. 10, 2001, p. 141-153.

² O prototexto, segundo Bellemín-Noël, primeiro definidor, em 1972, desse termo, “[...] é uma certa reconstrução dos antecedentes de um texto, estabelecida pelo crítico com o auxílio de um método específico, destinada a ser objeto de uma leitura em continuidade com o dado definitivo. A delimitação empírica daquilo que, em um dado momento, se julgou ser o texto, acrescenta-se um recorte metodológico”. (BELLEMIN-NOËL, 1993, p. 141).

fonte, mas sim na escolha do autor a ser traduzido, nas razões que teriam levado um tradutor a optar por um determinado texto, sem contar as consequências que essas escolhas acarretam, ou nas pesquisas realizadas que, às vezes, duram décadas e que constituem o trabalho pré-redacional, em que o tradutor busca, pesquisa, lê, recusa, desiste, retoma, começa, dialoga, briga com os textos a serem traduzidos.

A análise dos manuscritos dos tradutores revelaria, assim, um universo flutuante e complexo que inclui diálogos intertextuais e intratextuais com as outras traduções, ou diálogos vários com o texto a ser traduzido e com a literatura referente a um determinado autor (prefácios, ensaios, coletâneas, etc.), ou, ainda, diálogos com textos sobre a teoria da tradução. Ou seja, o tradutor existe, aparentemente está sozinho, mas, trabalha, cercado por um mundo que se nutre por *inputs* os mais diversos, que modificam, enriquecem e influenciam não somente o seu processo de trabalho, mas também, a estética do seu objeto de estudo.

Os manuscritos revelariam um *modus operandi* de um tradutor, que é similar ao *modus operandi* do autor, revelando um preciso método de criação artística.

Em suma, o tradutor é também criador de novos textos, de novas obras que, uma vez terminadas, entram no polissistema literário de uma determinada cultura, influenciando-a e enriquecendo-a com a sua contribuição. Não é possível aceitar, portanto, a idéia de que literatura traduzida não seja literatura, ou de que o tradutor não seja um escritor.

Pretende-se mostrar também, em uma perspectiva interdisciplinar, como a CG pode auxiliar a Teoria da Tradução e vice-versa. Em primeiro lugar, através da análise dos manuscritos do tradutor quer-se reconhecer o estatuto desse processo de criação que não é, enquanto tradução, simples recriação de um texto de partida, mas sim nova criação de um texto de chegada autônomo e possuindo qualidades literárias e poéticas dentro do seu sistema cultural. Em segundo lugar, redefinindo a noção de tradução, intervindo então não somente no conceito, mas, também, na terminologia, ampliando-a e livrando-a de preconceitos ainda existentes no âmbito dos estudos literários e linguísticos em geral. Finalmente, pretende-se demonstrar, também, como o processo de criação e o processo tradutório se entrecruzam e se influenciam reciprocamente dando vida a uma única estética da criação.

Se o objetivo principal, ou aquele ao redor do qual confluem os outros objetivos desta proposta, é o de defender o trabalho do tradutor, mas baseando-se em uma análise precisa e detalhada das formas físicas do seu labor, por outro, se quer também questionar mitos ligados, de algum modo, ao processo tradutório ou criativo em geral.

O fato é que, embora ainda persista a idéia de que esse trabalho criativo seja algo espontâneo, ao se observarem os manuscritos do tradutor, depara-se com outro tipo de abordagem.

Para desenvolver esta pesquisa pretende-se e se faz necessário constituir, no Brasil, um acervo de documentos manuscritos de tradutores literários de vários idiomas. Uma primeira etapa para conseguir este objetivo é o mapeamento de acervos de tradutores e pesquisas na área de CG da tradução no Brasil.

Até o momento o corpus estudado se constitui dos seguintes prototextos ou dossiês de tradutores tanto brasileiros quanto estrangeiros:

1. **Dossiê Virgillito/Dickinson:** fac-símiles de cinco cadernos com traduções manuscritas de poemas de Emily Dickinson feitas por Rina Sara Virgillito e guardados junto ao Arquivo Histórico de Florença; catálogo da Biblioteca Rina Sara Virgillito; fac-símiles de algumas folhas manuscritas da agenda particular da autora de 1996 cedida pela Prof^ª Giorgi; 11 folhas avulsas em fac-símile com traduções de poemas de Dickinson trazendo a data do dia 17/10/ 1995, guardadas pela herdeira universal, a Prof^ª Dr^ª Sonia Giorgi, em Bergamo, na Itália; dois livros originais que pertenceram à autora: um de poesias e um de cartas de Emily Dickinson, editados pela editora Bompiani, em 1995, e organizados por Margherita Guidacci, contendo anotações manuscritas de Virgillito, cedidos pela Prof^ª Giorgi; fac-símiles das introduções e das notas biobibliográficas de cinco livros do Fundo Virgillito: todos são edições de poemas de Dickinson traduzidos para o italiano e que contêm anotações manuscritas de Virgillito: DICKINSON, Emily. *Poesie*. A cura di Guido Errante. Milano, Mondadori, 1964; DICKINSON, Emily. *Le stanze d'alabastro*. A cura di Nadia Campana. Milano, UEF, 1983; DICKINSON, Emily. *Poesie*. A cura di Massimo Bagicalupo. Milano, Oscar Mondadori, 1995; DICKINSON, Emily. *Silenzi*. A cura di Barbara Lanati. Milano, Feltrinelli, 1986; DICKINSON, Emily. *Poesie*, traduzidas por Margherita Guidacci, Milano, Rizzoli, 1979.
2. **Dossie Virgillito/Shakespeare/Browning:** n. 192, Primeira redação dos Sonetos de Shakespeare, 1984-1985, cerca de 80 fôlios; n. 201, Primeiras redações, anotações, esboços e desenhos para a tradução dos Sonetos de Shakespeare, 1969-1988, cerca de 122 fôlios mais uma agenda de 47 folhas, dactiloscritos e manuscritos; n. 203, Material referente à tradução dos Sonetos do Português, de Elizabeth Barret Browning; n. 204,

Conjunto de n. 8 fólhos quadriculados contendo a primeira redação dos Sonetos de Shakespeare (103, 116, 119), manuscritos, agosto-setembro 1980; n. 205, Resenhas da tradução italiana de Rina Sara Virgillito dos Sonetos de Shakespeare; n. 212, Conjunto de n. 11 traduções de Sonetos de Shakespeare [84; 89 (2 redações); 91 (2 redações); 112 (2 redações); 127; 144; 146; 147]; dactiloscritos e manuscritos, mais um desenho.

3. **Dossiê Calderón:** O projeto consiste na pesquisa, tradução, adaptação e registro na Biblioteca Nacional de cinco textos teatrais de autoria do jovem dramaturgo uruguaio Gabriel Calderón. A pesquisa e tradução dos textos estarão a cargo de Esteban Campanela, tradutor com a mesma nacionalidade do autor e radicado no estado desde 2003, também graduando em Letras e Literatura Espanholas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Dentre os textos a serem trabalhados está a obra *Mi Muñequita*, traduzida especialmente para a montagem de espetáculo teatral homônimo, porém ainda sem registro. O prototexto constitui-se dos manuscritos do próprio tradutor que analisará seu processo tradutório.
4. **Dossiê Twain:** tradução do texto inédito em português *The Diary of Adam and Eve*. Trata-se de tradução comentada e análise do processo tradutório através dos manuscritos dos tradutores Hanna Bettina Gotz e Sergio Romanelli. A edição do *Diary of Adam and Eve* a ser utilizada para a tradução pertence à série A Modern Library Mini, da Modern Library Edition de 1996, publicada nos Estados Unidos pela Random House, sob o ISBN 0-679-77101-8, está dividida da seguinte forma: Parte 1 – fragmentos do diário de Adão – da página 3 à página 24. Parte 2 – fragmentos do diário de Eva – da página 25 à página 44. Fragmentos do Diário de Adão – da página 45 a 53. Depois da expulsão do Paraíso – da página 53 à página 57. Quarenta anos depois.

Em todos os casos acima mencionados, adotar-se-á um procedimento do tipo indutivo, cujo modelo pode ser elaborado por generalizações, a partir de observações concretas. Lembramos que o trabalho do crítico genético procede de uma série de trabalhos empíricos dedicados a documentos autógrafos que conseguem revelar progressivamente a aptidão destes registros para buscar

reconstituir, sob determinadas condições, a gênese de uma obra. Proceder-se-á por meio de inferências, partindo-se de fatos concretos que funcionarão como índices de suporte para futuras generalizações. Em suma, utilizar-se-á um processo de investigação experimental de suposições teóricas.

No decorrer desse processo, lidar-se-á com o que Salles (1992) chama de dualidade do objeto de estudo do crítico genético. Se por um lado, o material estudado é limitado do ponto de vista prático, do outro, é ilimitado na sua potencialidade interpretativa. O crítico genético pode formular hipóteses acerca do funcionamento de um processo específico e os seus documentos lhe darão a possibilidade de testar essas hipóteses.

A tarefa do crítico genético consiste em deduzir, a partir da materialidade dos documentos, a construção intelectual que eles escondem; por isso, cada fragmento é uma peça fundamental de um mecanismo do tipo intelectual porque cada uma foi elaborada pelo artista ao longo do seu processo criativo. Logo, todos os vestígios têm hipoteticamente, dentro da pesquisa, o mesmo valor para se chegar à compreensão do todo.

Assim, o objeto da CG é múltiplo, mas é o pesquisador que dá unidade a esses fragmentos, mostrando um prototexto. Rascunhos, diários, anotações e o texto publicado se complementam, para que se procure desvendar aquele labirinto, que é a criação poética e tradutória.

Referências

- BOURJEA, S. Valéry, tradução, gênese. In: COSTA, Luiz Angélico da (Org.). *Limites da traduzibilidade*. Salvador: Edufba, 1998. p. 47-55.
- HERMANS, T. *Translation in Systems. Descriptive and System-oriented Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome, 1999.
- LAMBERT, J.; GORP, H. von. On describing Translations. In: HERMANS T. (Ed.). *The Manipulation of Literature*. Studies in Literary Translation. London & Sidney: Croom Helm, 1985. p. 42-53.
- SALLES, C. Almeida. *Crítica Genética*. São Paulo: Educ, 1992.
- TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

Recebido: 24 de setembro de 2010
 Aprovado: 30 de setembro de 2010
 Contato: sergioroma70@hotmail.com